

A MEMÓRIA AFETIVA NA TATUAGEM: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DE PESSOAS¹

Felipe Bonfante Provesano²

Resumo: Os humanos utilizam a tatuagem de diferentes maneiras desde que descobriram o processo de pigmentação subcutânea. Uma representação constante é a retratação de parentes, homenageando pessoas que foram importantes em sua trajetória, o que acaba por despertar determinadas memórias e sentimentos em cada um. Tendo este entendimento, este artigo tem como intuito analisar quais memórias afetivas tais tatuagens evocam nas pessoas. Para isso, foram utilizados autores como Halbwachs (2006), Nora (1993), DeMello (2007) e Bressan Junior (2019) a fim de embasar o estudo. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de campo com participantes que tivessem este tipo de representação, de modo qualitativo e que indica que essas tatuagens despertam memórias diversas, mas que são profundas e criam laços afetivos duradouros e familiares.

Palavras-chave: Tatuagem. Familiares. Memória Afetiva. Emoções e Comportamento.

1 Introdução

Há anos os seres humanos vêm evoluindo o processo da tatuagem. Desde os primeiros registros que temos, como o tirolês congelado “*Otzi*” e as múmias em Gebelein, as marcas de tinta na pele têm sido utilizadas para variadas funções, como medicina alternativa, distinção hierárquica, pintura de guerra, punição e souvenir. O fato é que a tatuagem está inserida na cultura humana há, no mínimo 5.000 anos, e tem ganhado cada vez mais popularidade.

Na era moderna a tatuagem, segundo o Tattoo Archive (2003), foi principalmente popularizada entre os marinheiros. Estes que passavam grandes quantidades de tempo ao mar

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL, orientado pelo professor Dr. Lucas Pereira Damazio.

² Felipe Bonfante Provesano. E-mail: Felipeprovesano@gmail.com.

e representavam por meio da *tattoo* suas paixões e interesses. A prática da tatuagem elétrica evoluiu muito desde o século XX, e os designs foram ficando cada vez mais complexos, o que, juntamente com a tradição de se representar símbolos importantes na pele, se consolidou em um dos temas mais comuns da tatuagem atual: a representação de pessoas.

As pessoas ao nosso redor, de acordo com Halbwachs (2006), são parte da nossa memória, somos constituídos por memórias sociais, memórias coletivas, uma vez que desde pequenos estamos construindo um quadro de referências em nossa mente, que possibilita o acesso às nossas memórias. O autor (2006) relata que precisamos de reforços externos para solidificar e afirmar nossas memórias, já que as mesmas podem ser esquecidas ao longo do tempo. Para o autor, é, em nosso núcleo familiar, o primeiro círculo social ao qual somos inseridos, que temos contatos com as mais variadas emoções, e as relacionamos aos que estão à nossa volta, que de alguma maneira ao serem recordados nos ajudam a acessar tais emoções.

Diante da prática de representação de pessoas, altamente difundida entre os adeptos à tatuagem e da sua ligação com a memória, surge a questão problema que direciona esta pesquisa: De que forma a memória afetiva é ativada pela tatuagem de familiares? Qual a representação deste tipo de tatuagem?

A partir desta pergunta pudemos, através dos relatos de pessoas que possuem tatuagens que homenageiam um ou mais familiares, definir como objetivo geral analisar como as tatuagens evocam emoções, imagens e histórias da memória afetiva. E também definimos como objetivos específicos, promover uma avaliação da representação que as tatuagens têm para os entrevistados e averiguar os fatores que levaram os entrevistados a fazerem uma tatuagem com representação de um familiar.

Este trabalho se justifica na importância de aprofundar os estudos sobre um comportamento que, por muito, se repete entre as pessoas, percebido pelo acadêmico pesquisador em questão, que exerce a profissão de tatuador, tendo interesse em entender melhor as motivações de seus clientes para desempenhar com maior excelência seu ofício. Além do mais, pesquisas de teor exploratório a respeito de práticas e motivações do comportamento humano são, de fato, relevantes para a academia, a sociedade e as áreas de comunicação.

O modelo metodológico de pesquisa do artigo implica em uma abordagem exploratória de análise quali-quantitativa, promovendo uma série de entrevistas com 10 participantes que possuem tatuagens de familiares, entre 20 e 24 anos, moradores dos

municípios de Criciúma, Imbituba e Tubarão, no Sul do Estado de Santa Catarina. Foram selecionadas 5 entrevistas para análise individual e depois relacionadas todas as restantes para uma análise geral, acarretando em um relacionamento entre os dados coletados, relativizando as teorias propostas no intuito de sanar a pergunta problema proposta.

2. A história da tatuagem

A tatuagem é, de fato, um costume que acompanha o ser humano há muito tempo. Diferentes povos e civilizações da antiguidade já tinham registros de tatuagens, fossem elas adornos, códigos, conquistas, entre tantos outros motivos. Algo em comum entre as tatuagens é que todas elas transmitem uma mensagem, de maneira intencional ou não, mas todas transmitem algo passível de interpretação, o que as faz parte dos códigos linguísticos humanos.

Conforme Muniz (2020), os registros mais antigos de humanos tatuados datam de aproximadamente 5.200 anos atrás, referindo-se à Otzi, uma múmia conservada encontrada na região entre a Itália e a Áustria em 1991, próximo ao monte Similaun. O autor (2020) comenta que as pesquisas acerca da múmia foram feitas na Áustria e, com os avanços de tecnologia disponíveis, os pesquisadores foram capazes de identificar alguns traços culturais, doenças das quais sofria e até mesmo qual teria sido sua última refeição.

Muniz (2020) sugere que Otzi apresentava 57 tatuagens espalhadas por seu corpo, sem caráter figurativo, eram padrões de linhas e cruces. Estudos mais recentes catalogaram os compostos dos pigmentos utilizados como sendo uma fusão de fuligem com cristais de silicato, como almandina e quartzo, e também presumiram que foram utilizados espinhos ou ossos afiados como ferramentas para esse processo de tatuagem.

Dados os locais e disposição das tatuagens de Otzi, o autor (2020) afirma que os pesquisadores acreditam que elas não teriam alguma função de reconhecimento tribal ou finalidade ornamental, já que não se apresentavam em locais expositivos seriam pouco perceptíveis até mesmo em socializações de curta distância.

Por mais que elas possam representar algum rito de passagem, conquistas pessoais ou algo assim que não teríamos a menor capacidade de decifrar por falta de conhecimento acerca de sua sociedade, uma hipótese que tem maior aceitação sobre a finalidade das

marcações seria de práticas terapêuticas, já que muitos dos pontos tatuados se assimilam com pontos da acupuntura atual. (MUNIZ, 2020)

2.1 Múmias de Gebelein

Segundo Gibbens (2018), em matéria criada para a National Geographic, com os egípcios temos registros das primeiras marcações figurativas nas Múmias de Gebelein com aproximadamente 5000 anos de idade. Por um bom tempo os pesquisadores acreditavam que os egípcios, por mais expressões figurativas que fizessem, teriam marcas feitas apenas em mulheres e baseadas em formas geométricas, cuja finalidade seria ritualística ou espiritual.

A autora (2018) demonstra que um grupo de pesquisadores conseguiu re-analisar essas múmias em 2017 e, com os avanços tecnológicos, conseguiram encontrar em duas múmias, sendo um homem e uma mulher, tatuagens de representação de figuras, a masculina com um touro selvagem e um carneiro no braço e a feminina com símbolos que remetem ao “S” e o “L” no ombro e no abdômen.

Muniz (2020) apresenta em seus estudos que, apesar destes serem os registros mais antigos que temos de humanos tatuados, não conseguimos precisar exatamente onde esse hábito começou. O que sabemos é que tal prática se manteve como costume de nossas sociedades até os dias atuais, passando pelos gregos, por exemplo, que de acordo com o autor (2020), as utilizavam de maneira a marcar seus soldados para reconhecer desertores, e em muitas culturas com outras finalidades distintas, como destacar a posição social de indivíduos em um grupo ou até mesmo marcar símbolos em áreas de grande exposição do corpo para punir membros de uma aldeia.

2.2 Tatuagem no oriente

Em matéria para o Bodylore, Angel Kearns (2018) demonstra que, no oriente, o povo que mais se destaca em relação à tatuagem é o japonês, muitos historiadores datam registros de tatuagem no período Jomon (10,000 AC-300 AC). Foram encontradas figuras de barro deste período (chamadas Dogu), com representações de desenhos em seus corpos. Além disso, evidências da tatuagem japonesa podem ser encontradas no *Gishiwajinden*, um texto histórico chinês que data do século III. Segundo relatos do autor (2018), para eles, as

tatuagens eram utilizadas como símbolo de proteção, hierarquia ou até mesmo marcação de guerreiros. No período Kofun (250 DC-538 DC), as tatuagens foram utilizadas em várias regiões como punições a quem cometesse crimes, perdendo sua aceitação social, assim iniciando uma ligação entre as marcas corporais e o crime organizado japonês.

Portanto,

“A tatuagem moderna Japonesa se ergueu no período Edo (1600-1867) em cidades como Edo (atualmente Tokyo) e Osaka. O desenvolvimento da xilogravura, ukiyo-e, no século XVIII ajudou ainda mais no desenvolvimento da arte da tatuagem, já que mais e mais pessoas eram impactadas por heróis tatuados representados em publicações de ilustração e novelas. Com o crescimento e popularidade da tatuagem, o governo proibiu a arte como sendo "deletério à moral pública". Mesmo com as leis proibindo as tatuagens, cidadãos comuns como bombeiros e trabalhadores continuaram a se tatuar. Este período também trouxe o início do influxo da tatuagem entre os Yakuza, ou gangues. Os Yakuza buscaram as tatuagens pois elas eram uma maneira dolorosa de provar a coragem de um indivíduo e também por sua natureza permanente. Já que as tatuagens eram ilegais, fazê-las os tornava foras-da-lei para sempre. Atualmente, muitos Yakuza estão optando por não se tatuarem para manter discrição.” (KEARNS. 2018 p.1. Tradução do autor)

Na era Meiji (1868-1912), o Japão abriu suas fronteiras para o ocidente, com intuito de modernizar e fazer parte do mundo que já se globalizava. Kearns (2018) conta que os japoneses fizeram muitos avanços e que, apesar de a tatuagem ser proibida para nativos, muitos turistas se apaixonaram pelos desenhos e voltaram para seus países com marcas tradicionais japonesas, ajudando a espalhar aquela arte pelo mundo. O Japão descriminalizou a tatuagem em 1948, mas o estigma em torno dela ainda prevalece.

2.3 A origem do termo “*Tattoo*”

A palavra *tattoo* se refere à inserção de pigmentos na pele por meio de ferramentas como ossos, facas e agulhas, por exemplo, com o intuito de criar formas e desenhos decorativos. No livro: *Encyclopedia of Body Adornment* (2007), Marco deMello relata que marinheiros Europeus comandados pelo Capitão James Cook trouxeram o termo para a Europa após conhecer tal procedimento em uma expedição pelo Tahiti, Hawaii e Ilhas Samoa no século XVIII. Segundo o autor (2007), os nativos do Tahiti se referiam ao processo pela palavra “tatau”, derivada do som feito pelas ferramentas e com o significado de marcar ou atingir duas vezes. Ele foi traduzida para a palavra inglesa “tattoo”, utilizada até os tempos atuais para se referir a este processo. Durante este período na Europa e América, a tatuagem

era chamada de “pricking” (picar), pois o procedimento era feito “picando” uma agulha com pigmento na pele.

2.4 A tatuagem elétrica

Depois da volta do explorador James Cook, a tatuagem foi se popularizando entre os marinheiros. Ela e a vida no mar tem uma relação próxima desde o século XVIII. Por isso, os marinheiros são uma das classes mais importantes para a disseminação e popularização do processo. De acordo com os registros da organização de pesquisa em história da tatuagem, Tattoo Archive (2003), os embarcados da expedição à Polinésia estavam a procura de algo que marcasse perfeitamente a experiência que tiveram na viagem e encontraram na tatuagem do povo local o souvenir perfeito. Eles praticamente deram início a essa tradição entre os profissionais navais, que buscaram tatuadores tradicionais em diferentes países pelos quais passaram e trouxeram um pouco desse conhecimento para a Europa e a América. Segundo os registros do arquivo (2003), até o final do século XIX e início do século XX, este processo era feito manualmente, porém, a partir de uma patente de Thomas Edison, tatuadores começaram a criar as primeiras máquinas de tatuagem.

Edison havia criado uma patente para uma espécie de caneta para decalque, que movida a baterias e com uma espécie de motor rotativo eletromagnético, impulsionava um marcador para que fizesse furos lineares, formando letras em uma folha matriz que, depois, poderia ser copiada com facilidade utilizando um rolo de tinta. Baseando-se nessa invenção, o tatuador Samuel O’reilly conseguiu a primeira patente para máquina de tatuagem em 1891, nos Estados Unidos. A partir deste ponto, avançaram-se nas pesquisas e desenvolvimento de modelos de máquinas, melhorando aspectos de funcionamento e regulagens dos equipamentos até chegar nos modelos que temos nos dias atuais. (Tattoo Archive, 1998)

2.5 Tatuagem Norte-Americana

DeMello (2007) narra que muito antes da chegada dos europeus, a tatuagem já era praticada em território Americano. Os nativo-americanos tinham o costume de fazer marcas principalmente no rosto. Uma marcação constante das tribos do litoral da Califórnia era uma série de linhas que descia dos lábios até seus queixos. Segundo o autor, o impacto da tatuagem nativo-americana seria muito pequeno. O que iniciaria a chamada de atenção para a prática em território estadunidense foram os marinheiros europeus, que voltando de suas expedições e contando histórias, mostravam suas tatuagens ou traziam nativos polinésios tatuados, influenciando tanto outros marinheiros quanto soldados a se tatuarem.

“[...]Nos Estados Unidos, certamente desde pelo menos a Guerra Civil, tatuagens eram maneiras aceitáveis para soldados e marinheiros mostrarem seu amor pela pátria e também seus sentimentos pelos seus entes amados deixados para trás. O primeiro tatuador profissional nos Estados Unidos, Martin Hildebrandt, que abriu sua loja na Cidade de Nova York em 1846, tatuou muitos soldados e marinheiros de ambos os lados da guerra. Hildebrandt também tatuou muitas atrações tatuadas, como sua filha Nora, que dizia ter 365 tatuagens (uma para cada dia do ano).” (DEMELLO. 2007 p.4-5. Tradução do autor.)

Estas atrações eram, de acordo com DeMello (2007), a terceira classe muito importante para a disseminação da tatuagem na sociedade americana. Eles participavam de circuitos de festivais, feiras mundiais e *carnivals*, viajando através do país e chamando muita atenção, pois muitos americanos nunca haviam se quer visto uma tatuagem naquele tempo. Isso fez com que mais pessoas quisessem ter tatuagens, ajudando a popularizar a prática.

Segundo o autor (2007). os tatuadores, no período do século XIX e começo do século XX, eram homens comuns, de classe trabalhadora com pouco treinamento artístico, alguns pintavam placas, outros pagavam tatuadores mais velhos para lhes ensinar. A tatuagem foi evoluindo em pequenos espaços, próximos a barbearias e tendas de circo. DeMello (2007) narra que, mesmo estando escondidos às margens da sociedade, os estúdios sempre foram um local aconchegante para muitos homens como: marinheiros, bêbados, trabalhadores, artistas e também rapazes que sondavam os locais para tentar aprender a prática.

Com o advento da máquina elétrica, o trabalho foi se popularizando cada vez mais, e melhorando em qualidade, designs clássicos da tatuagem americana como águias e âncoras foram se consolidando, novas gerações de tatuadores surgindo e inovando as técnicas e materiais. (DEMELLO, 2007)

2.6 O “pai” da tatuagem moderna no ocidente (Norman Collins 1911-1973)

Peter Young (2019), ao escrever para o portal de preservação histórica do Havaí, *Images of old Hawai'i*, nos conta que nasceu no ano de 1911 em Reno, Nevada, Norman Keith Collins, um rapaz que cresceu desbravando o Meio-Oeste Americano em andanças pelas linhas de trem. Ele, muito cedo, teve contato com a tatuagem e começou alguns testes da prática por conta própria, utilizando agulha e a técnica de hand poke. Segundo o autor (2019), uma eventual mudança para Chicago mudaria a vida do garoto. Lá, Norman (que recebeu o apelido de Jerry dos pais) conheceu Gib “Tatts” Thomas, uma lenda local da tatuagem que o ensinou a utilizar a máquina elétrica. Tempos depois, com 19 anos, ele entrou para a marinha americana, o que desenvolveria sua paixão pelo mar e pelos temas navais e também o nome pelo qual é conhecido mundialmente: Sailor Jerry.

Enquanto aprendia a tatuar com Gib, ele dava vinho barato aos bêbados e aos mendigos para que pudesse treinar suas habilidades de tatuador. Young (2019) narra que, anos mais tarde, após voltar da marinha, Collins estabeleceu-se em Honolulu no Hawaii, onde fez a maior parte da sua carreira. Durante a Segunda Guerra e o ataque ao Pearl Harbor, tudo por lá mudou, milhares de homens eram enviados para aquela região devido aos acontecimentos e Sailor Jerry tatuava muitos destes soldados e marinheiros, deixando ali, dia após dia, seu grande legado.

Tendo aprendido as exigências de seu ofício, ele desenvolveu muitas melhorias em equipamentos, como a invenção das agulhas Magnum, para pintura, o aperfeiçoamento de máquinas para melhor aplicação da tinta e até mesmo tendo descoberto e utilizado o primeiro pigmento roxo não tóxico. Segundo Young (2019,) Sailor Jerry construiu uma carreira baseada em trabalhos de qualidade, o que sempre lhe garantiu uma boa procura de clientes por toda costa americana. Ele desenvolveu um trabalho de altíssimo nível que se destacava muito em sua época, com linhas grossas e pigmentação sólida como as tatuagens japonesas, mas utilizando imagéticas norte-americanas, algo único que resultou em uma carreira sólida e uma

reputação atemporal, já que os designs e técnicas criados por ele são utilizados como base para a tatuagem até hoje e ainda serão por muito tempo.

2.7 Tatuagem atualmente

Para finalizar esta seção, com uma visão da tatuagem na modernidade, depois de Sailor Jerry, Don Ed Hardy e Mike Malone, a tatuagem se popularizou cada vez mais, os profissionais citados foram muito responsáveis pelo avanço em termo de técnica e qualidade na aplicação do trabalho, possibilitando que, anos depois, outros estilos surgissem, como realismo, pontilhismo e aquarela, por exemplo.

Durante as décadas de 90 e 2000, os estúdios se desenvolveram oferecendo praticamente todos os estilos de trabalho, acompanhando a entrada da tatuagem no mundo pop, com cada vez mais artistas da música, cinema e televisão se tatuando. Já da metade dos anos 2010 para os anos 2020, a tendência da tatuagem foi tomar uma forma mais artística e autoral, com profissionais se especializando em estilos específicos, oferecendo trabalhos cada vez mais originais e bem acabados.

Com, cada vez mais avanços tecnológicos, materiais de melhor qualidade e artistas com diferentes especialidades, a tatuagem vem sendo fortemente descriminalizada e se tornando uma arte ornamental e sensível, comumente presente nos mais diferentes espaços do dia-a-dia da população.

3. Acerca da Memória

Para Tedesco (2014), a memória está relacionada ao fato de guardarmos determinadas informações com o auxílio das funções psíquicas. Tais funções são capazes de atualizar nossas impressões do passado, sendo assim, o autor (2014) justifica que o passado condiciona o presente e vice-versa.

Halbwachs (2006) nos apresenta esta visão como um quadro de referências que temos em nossa mente para remontar uma imagem passada. Com o passar do tempo, algumas peças que formam este quadro vão se esvaindo e ficamos com apenas algumas partes preservadas. Segundo o autor (2006), ao visitarmos novamente uma cidade, por exemplo, em um tempo futuro, remontamos as partes que faltam com novas referências, que se atualizam e

se adaptam ao nosso conjunto de percepções do presente. Assim, nossas visões sobre passado e presente seguem se influenciando mutuamente e as reconhecemos por concordarem no essencial, apesar das possíveis divergências.

Os estudos e entendimentos acerca da memória são diversificados e complexos, já que não conseguimos taxá-la como uma coisa sólida e concisa, mas sim uma ampla e subjetiva capacidade humana. Para tentar entendê-la melhor, alguns estudos a dividem em partes. No livro “Memory” (2015), os autores apresentam algumas subdivisões de memória tais quais: “short-term memory” (memória de curto prazo), “working memory” (memória em trabalho), “semantic memory” (memória semântica) entre algumas outras.

Sua memória é, de fato, muito boa embora tenha suas falhas. Concordando com Schacter (2010) que, tendo descrito o que ele se refere como os sete pecados da memória, aceita que os pecados são consequências necessárias das virtudes que fazem com que nossas memórias sejam tão ricas e flexíveis. Nossa memória pode ser menos confiável que as da média dos computadores, mas ela é tão capaz quanto, muito mais flexível e um melhor negócio por ser mais amigável ao usuário. (BADDELEY. 2015 p. 3. tradução do autor.)

Pierre Nora (1993, p.9), faz uma distinção entre história e memória, apresentando a história como: “a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais.”. O autor ainda complementa (1993, p.9) “A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas.”.

A memória, por sua vez, é tratada pelo autor como:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em constante evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e repentinas revitalizações. (NORA. 1993 p. 9)

Seguindo esta diferenciação, Nora (1993) demonstra como a história é uma busca por remontar algo concreto, como, de fato, haveria acontecido, o que segundo ele mesmo seria sempre incompleto. Além disso, a memória é algo vivo, que está ligado aos costumes e relações de grupos de pessoas. Para o autor, a memória é afetiva, mágica, que se alimenta de lembranças e que se emerge de um grupo ao qual ela mesma une, sendo assim uma soma de variáveis que impactam e se apresentam de forma diferente através do tempo, estando sempre em transformação.

3.1 Memória coletiva

Se para Halbwachs (2006) nossa memória é um quadro de referências, o qual vamos remontando e reconstituindo dadas nossas experiências presentes que nos relacionam a esses fatos passados, então, não nos baseamos apenas em nossas vivências individuais, mas, conforme, o autor (2006) introduz, a ideia de “memória coletiva”. É ela que nos conecta com grupos que tenham participado dos mesmos fatos, a fim de aproximar e validar nossas recordações:

Claro, se a nossa impressão pode se basear não apenas na nossa lembrança, mas também na de outros, nossa confiança na exatidão de nossa recordação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não apenas pela mesma pessoa, mas por muitas. Quando voltamos a encontrar um amigo de quem a vida nos separou, inicialmente temos de fazer algum esforço para retomar o contato com ele. Entretanto, assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revivê-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós. (HALBWACHS. 2006 p. 29-30)

Para Tedesco (2014), vemos como compartilhar memórias em comum cria e fortalece o senso de pertencimento comunitário. Ao entrevistar um idoso, o autor comenta que foi perceptível que se encaixam em um tempo de pertencimento diferente do “hoje em dia”, “tempo esse de criação e de participação ativa no seio comunitário, de identificação de um sentimento de um agir regido pela profunda autodeterminação de si.” (TEDESCO, 2014 p. 38)

Segundo Halbwachs (2006), os indivíduos da sociedade estão inseridos como membros de diferentes grupos, então, assim, seus olhares e percepções estão voltados para vários pensamentos coletivos distintos. O elemento de diferenciação individual se dá por, no mesmo espaço tempo, os homens estarem divididos em grupos de interesses diversos. Isto leva, segundo o texto (2006) a concentração de consciência em um mesmo intervalo, que pode ser mais curto ou mais longo, gera a socialização de memória acerca de tais interesses comuns.

Compreendemos, então, que a individualidade do ser e da memória são construídos e influenciados por suas posições e atividades no coletivo, e vice-versa. A memória coletiva é o que gera a sensação de pertencimento e de união de um determinado grupo, seja ele uma tribo, um time ou até mesmo um núcleo familiar, onde cada interpretação individual interage com a coletiva e se molda na formação de memórias compartilhadas.

3.2 Nostalgia

A nostalgia é um sentimento que está, de fato, relacionado à memória. Niemeyer (2018) a descreve como o desejo de um retorno a um tempo passado que nunca foi “experimentado pela pessoa que anseia ou pelo arrependimento que faltava por um passado que nunca ocorreu, mas que poderia ter ocorrido, ou por um futuro que nunca acontecerá.” (NIEMEYER, 2018 p.29). De acordo com a autora, este sentimento se situa entre a recordação e o esquecimento, idealização e criatividade, sendo uma lembrança de lugares que não existem mais, que já não são ou nunca foram acessíveis:

“O dicionário descreve nostalgia como “melancolia pelo afastamento da terra natal” ou “anseio de algo muito distante ou que ficou no passado”. A palavra é composta pelos termos gregos nostos = lar e algos = dor. O significado primário de nostalgia tem a ver com a irreversibilidade do tempo: algo do passado deixa de ser acessível. Desde o século XVII europeu, com a emergência de um novo sentido de temporalidade, cada vez mais caracterizado pelas assimetrias radicais de passado, presente e futuro, a nostalgia como saudade de um passado perdido evoluiu para a moderna doença em si.” (HUYSSSEN. 2014 p. 91)

Tendo sido até mesmo descrita como doença, referida à “homesickness” do inglês, a nostalgia é uma afeição que temos por uma memória de um passado, que, como visto anteriormente, pode ter sido despreziosamente moldado em nossos pensamentos, Huyssen (2014) provoca a análise da nostalgia relacionando-a às ruínas, sendo estas uma representação da combinação concreta de desejos espaciais e temporais, que vem a desencadear o sentimento nostálgico. O pesquisador (2014) aponta que, na estrutura restante das ruínas e templos, o passado é explicitamente representado, porém, estando em outro tempo ele já não é mais acessível, sendo então um poderoso vetor para a nostalgia.

Niemeyer (2018) então nos introduz uma visão parecida de nostalgia com a de Huyssen (2014), já que ambos adicionam em suas análises o fator em que o sentimento não é só uma simples memória ou saudade de um tempo passado, mas sim uma romantização criada em conjunto com nossas memórias e afetividades, Ela cria uma visão de um espaço-tempo utópico, a qual nos apegamos por acreditar realmente ter presenciado e até mesmo sofremos com sua “ausência”.

3.3 Memória e família

Seguindo a teoria de memória coletiva de Halbwachs (2006), temos como um principal fator de perpetuação da memória, além dos testemunhos, o compartilhamento de memórias em grupo, já que, segundo o autor (2006), as memórias individuais podem ter maior volatilidade se não periodicamente trocadas com os participantes do fato que formam o coletivo:

É difícil encontrar lembranças que nos levem a um momento em que nossas sensações eram apenas reflexos dos objetos exteriores, em que não misturássemos nenhuma das imagens, nenhum dos pensamentos que nos ligavam a outras pessoas e aos grupos que nos rodeavam. Não nos lembramos de nossa primeira infância porque nossas impressões não se ligam a nenhuma base enquanto ainda não nos tomamos um ser social. (HALBWACHS. 2006 p. 43)

Temos, então, influenciando nossas primeiras memórias, compartilhando-as e ajudando a perpetuá-las, nosso núcleo familiar. Para Halbwachs (2006), na maioria dos casos, a família é o primeiro grupo social ao qual pertencemos e com o qual começamos a montar nosso quadro de referências memórias, embora não seja o único vetor de experiências no desenvolvimento infantil. O autor (2006) relata que a família é o que primeiro se concretiza com maior clareza e nos oferece maior segurança e entendimento.

Bressan Junior (2019) nos apresenta que “Possuímos memória afetiva desde pequenos. Somos formados por sentimentos, e as pessoas que estão ao nosso lado auxiliam nisso. Os grupos de referência interferem na aquisição dos sentimentos.” (BRESSAN JUNIOR, 2019 p.20), sendo a nossa memória afetiva algo que, através da própria memória, nos conecta com determinado sentimento passado. Assim, concluindo que estão naquilo que nos auxiliou a adquirir estes tais sentimentos, os gatilhos para acessá-los novamente.

Dados tais fatos, somos capazes de compreender que, apesar de nossa família não ser o único ponto de geração e relacionamento com as nossas memórias, este núcleo é definitivamente o mais sólido e impactante e que grande parte das nossas memórias e afetividades estarão ligadas direta ou indiretamente a eles.

4. Método e pesquisa

Neste trabalho será utilizado o método de natureza exploratória, levantando material bibliográfico para melhor compreensão dos temas e aplicando questionários para um grupo de pessoas. Trata-se de uma análise de maneira quali-quantitativa dos dados de suas respostas, podendo assim buscar a relação dos conhecimentos teóricos com os resultados das entrevistas para uma conclusão acerca do tema.

Os questionários foram gerados em duas seções, uma destinada a nos trazer a noção básica de perfil dos participantes como: faixa etária, cidade em que reside, e outra mais focada no tema direto da pesquisa, colhendo respostas mais pessoais sobre as motivações, interações e relações dos entrevistados com suas tatuagens.

Ao todo tivemos um grupo de 10 pessoas, entre 20 e 24 anos, das cidades de Criciúma, Tubarão e Imbituba (Sul do estado de Santa Catarina). O grupo foi escolhido a partir de um pré-requisito simples: o fato de cada um ter ao menos uma tatuagem que representasse um parente, para que então fosse possível, partindo de seus relatos, compreender suas relações afetivas ligadas a estes dois fatores.

A coleta de dados foi feita no período entre os dias 03 de novembro de 2021 e 08 de novembro de 2021, aplicada para homens e mulheres, enviada por meios digitais em formato de formulário do *google*, contendo tanto perguntas de múltipla escolha quanto dissertativas, para que os entrevistados tivessem espaço para se expressar.

4.1 Estrutura de entrevista

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi necessário construir um questionário que nos direcionasse ao ponto de análise. Desta maneira, a montagem das perguntas foi feita de forma que selecionasse os entrevistados a partir de cada fator de importância para nosso tema, como o fato de terem já sido tatuados e o tipo de motivação que os levou a tal decisão.

Foram elaboradas, então, 9 perguntas, sendo as 3 primeiras de natureza demográfica, pedindo o nome, faixa etária e o local onde reside. Tal etapa nos serviu de base para a análise individual de cada entrevistado e para delimitação do grupo o qual estávamos em contato para a pesquisa.

As próximas duas que se seguiram, foram de natureza objetiva, já relacionadas às tatuagens. Nessa parte, foram questionados quantas tatuagens eles tem ao total e qual teria sido a motivação para fazê-las, podiam escolher dentre as opções: estética, espiritualidade, representação familiar, musicalidade, representação de grupo e por fim a opção “outro” na qual podiam sugerir uma opção não listada.

Por fim, as 4 últimas questões da entrevista destinavam-se ao tema principal do projeto: afetividade, memória e parentes. Neste ponto, perguntamos aos entrevistados se em algumas de suas tatuagens eles buscaram representar algum parente, e se sim, como ele foi representado. Depois, perguntamos de que maneira essa tatuagem impacta a relação do entrevistado com o familiar em questão. Para finalizar: questionamos qual o tipo de lembranças que aquela tatuagem os desperta.

De tal forma, como descrito antes, após estruturado e devidamente formatado, o questionário foi enviado para um grupo de pessoas, do qual extraímos 10 entrevistas de participantes que se encaixavam com as necessidades da pesquisa, e, então, com o material em mãos foi possível dar início à análise.

5. Análise dos dados coletados

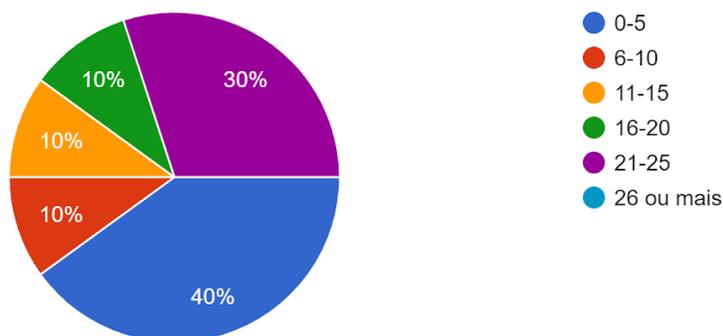
Por meio do método quali-quantitativo exploratório, poderemos fazer a análise dos dados colhidos através das entrevistas e cruzá-los com as teorias acerca da memória afetiva, relacionando os resultados e respostas dos participantes aos estudos teóricos que foram lidos e apresentados neste trabalho.

Primeiramente, voltamos a atenção para a quantidade de tatuagens que os entrevistados têm, conforme o gráfico apresentado no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Quantas tatuagens você tem?

Quantas tatuagens você tem?

10 respostas



Fonte: Do autor (2021)

De acordo com o gráfico exibido, a maior parte da nossa amostragem de entrevistados (40%) tem entre 1-5 tatuagens (já que não contabilizamos aqueles que não as tivessem), o que nos mostra que, em grande parte, a vontade de representar um familiar não é exclusividade daqueles que tem mais tatuagens, mas uma motivação que está presente já entre as primeiras ideias daqueles que começam a se tatuar.

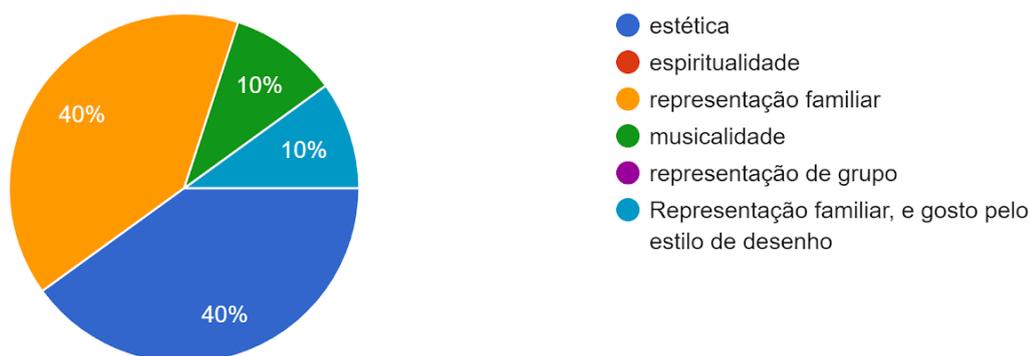
Como podemos ver em Halbwachs (2006), nossa memória é constituída por um quadro de referências, em que algumas delas se solidificam com o tempo, devido ao reforço e troca do exercício memorial em grupo, enquanto outras vão aos poucos sendo apagadas, o que reforça o fato das pessoas relacionarem a tatuagem com uma perpetuação de seus entes mais queridos. Assim, buscando eternizá-los e reforçar uma parte de sua história a qual desejam que não se desligue de seu quadro de memórias.

Em sequência, os entrevistados foram questionados acerca das motivações que os inclinaram a ter tatuagens, uma vez que existem variáveis muito distintas que relacionam cada indivíduo com a arte da tatuagem. Temos, como exemplo, a influência de artistas, o círculo social e também a gravação de memórias específicas, de acordo com a próxima imagem temos os seguintes dados:

Gráfico 2 – Qual motivo te levou a fazer uma tatuagem?

Qual motivo te levou a fazer tatuagem?

10 respostas



Fonte: Do autor (2021)

Podemos constatar, desse modo, que, neste quesito, o grupo se divide de maneira praticamente simétrica, as maiores amostras escolhidas foram os fatores de representação familiar e fator estético. Apenas 1 participante constata que o seu motivador foi a influência musical e outro sugere que sua escolha se deu por uma junção dos fatores estética e representação familiar, enquanto a outra parte do grupo se divide igualmente entre estas duas opções acima citadas.

A partir de Muniz (2020), entendemos, que desde a antiguidade, os seres humanos atribuem diferentes abordagens e interpretações das tatuagens, variando entre diferentes grupos e tribos. Os gregos, por exemplo, as utilizavam para marcar os soldados; os Citas e os Trácios utilizavam adornos para destacar posições sociais e os japoneses antigos para punir membros que desviavam das regras da aldeia.

Em uma visão mais moderna da tatuagem, podemos ver a representação familiar tomar grande peso durante a evolução ocidental, na qual, segundo DeMello (2007), desde pelo menos a guerra civil americana, homens da classe trabalhadora, como soldados e marinheiros se tatuavam, especialmente utilizando valores simbólicos, que representavam sua

pátria, suas relação com o mar e, claro, seus familiares queridos deixados em terra. A partir deste ponto e da influência que estes primeiros tatuadores profissionais do ocidente exerceram sobre a evolução da tatuagem, a representação de valores tanto quanto a estética caminharam juntas.

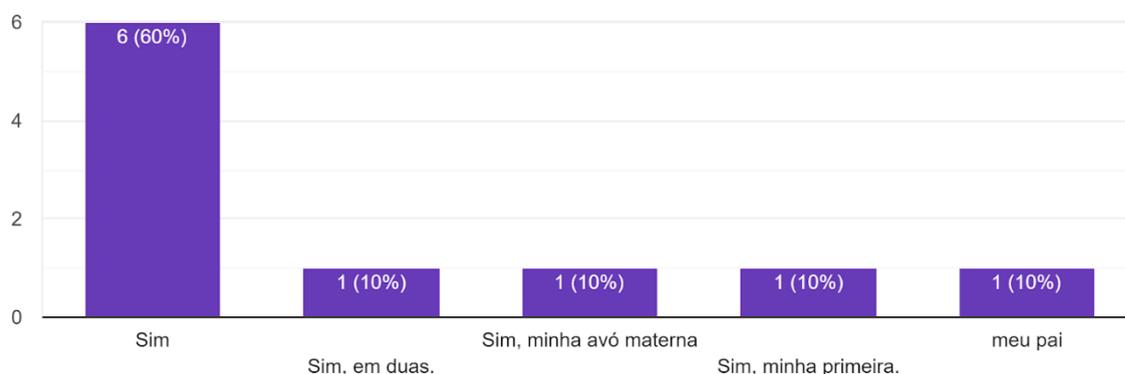
Tal relação se justifica já que, como podemos constatar em Tedesco (2014), o compartilhamento de memórias em comum cria e fortalece o senso de pertencimento comunitário, o que faz com que não só estes indivíduos que estiveram longe de seus lares possam ainda se sentir parte daquele núcleo social, mas também cria um novo laço comunitário entre eles mesmos. Tais formas de representação e outras variáveis em comum, já que representadas por formas imagéticas, tem o valor exposto por meio de uma estética e a estética por si só, com o passar do tempo, toma também um caráter de valor, seja ele diretamente representativo ou não.

Depois de analisarmos os fatores motivadores e decisores para a opção dos entrevistados de vestir uma tatuagem, podemos direcionar nossa atenção diretamente para a representação familiar, foco desta pesquisa, já que os entrevistados foram triados a partir deste fator, como afirmamos no gráfico 3:

Gráfico 3 – Em alguma dessas tatuagens você buscou representar um familiar?

Em alguma dessas tatuagens você buscou representar um familiar?

10 respostas



Fonte: Do autor (2021)

O gráfico apresentado confirma que, nossa amostragem, foi selecionada de pessoas que tiveram algum parente representado em alguma de suas tatuagens. Afinal, o que

buscamos aqui é entender e analisar de que maneira estas representações se deram e qual impacto elas têm, principalmente no campo da memória afetiva.

Para dar sequência, vamos analisar especificamente as formas que os entrevistados buscaram para representar seus familiares e qual a relação emocional que as tatuagens despertam neles, visando entender os impactos desse tipo de imagética sobre os participantes e sua relação afetiva com elas.

Vamos começar então com a primeira entrevista, do participante que chamaremos aqui de: Entrevistado-1. quando questionado acerca de uma tatuagem que se referisse a um parente, o Entrevistado-1 relatou que possui um trabalho que representa o rosto de sua falecida avó materna, como vemos na figura 1:

Figura 1 –Tatuagem Entrevistado-1.



Fonte: Do autor (2018)

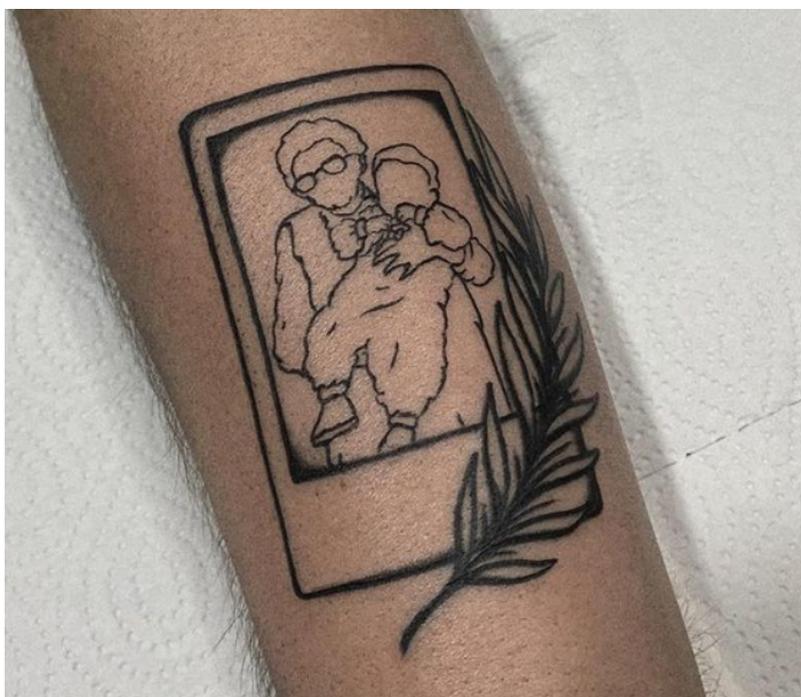
Em suas respostas ao questionário, quando indagado sobre o impacto que essa tatuagem tem sobre sua relação com a pessoa ali representada, o participante em questão

respondeu: *“Uma forma de homenagem, sempre gosto de olhar e lembrar dela”*. Conforme Halbwachs (2006), nossa memória, para ser consolidada, precisa de reforços e validações externas, a representação do Entrevistado-1 nos mostra este quesito, sendo um vetor “eterno” de afirmação sobre seus sentimentos relacionados à avó.

Já, em relação às lembranças que a tatuagem o traz, o entrevistado respondeu: *“Lembranças boas, infância, afeto e carinho”*. De acordo com Bressan Júnior (2019) nossos sentimentos e afetividades são formados desde criança, sendo mais impactadas por aqueles com quem temos maior contato, nosso grupo de referência, sendo este o caso, o Entrevistado-1 relata uma memória afetiva que interliga sentimentos gerados durante a infância, em um ambiente com a presença de seu familiar homenageado, fazendo com que sua tatuagem desperte, reacenda tais sentimentos de um tempo que já se fora.

Dando sequência à análise dos questionários, tivemos o Entrevistado-2, este também representou sua avó: *“Fiz a tatuagem de uma foto com minha vó em meu batizado”*, relata ele, como podemos averiguar na imagem:

Figura 2 –Tatuagem Entrevistado-2.



Fonte: Do autor (2021)

O Entrevistado-2 retratou uma foto de sua avó, o segurando no colo em seu batizado, em formato de foto *polaroid*, com um ramo de folhas ao lado. Sua resposta sobre o impacto da foto em sua relação com o homenageado foi: *“Minha vó faleceu no dia do aniversário da minha mãe, foi um acontecimento muito triste para nossa família e depois disso mais nenhum aniversário é comemorado como antes. A tatuagem foi feita para lembrar como ela ajudou muito minha família, principalmente minha mãe, sempre fazendo o melhor pela gente, fui o neto mais novo e ela sempre perguntava coisas que estava precisando caso meu pai não estivesse com condições de me dar.”*.

Em seu relato, o participante demonstra grande impacto emocional à tatuagem, sendo que a avó foi uma pessoa muito importante em todo o núcleo familiar dele. Nora (1993) apresenta uma visão de memória como algo vivo, carregado por pessoas vivas, algo que está altamente suscetível aos moldes e revitalizações do tempo. Neste exemplo, vemos o impacto da imagem da avó, sendo carregada por esta família, e sendo reforçada em função da perpetuação de seu legado, constantemente lembrada por esta família a qual fora peça tão importante e agora eternizada em imagem, na pele de seu neto caçula.

Agora, vamos à sua outra resposta, sobre as lembranças que a tatuagem o desperta o entrevistado destaca: *“Me desperta um sentimento de saudade sempre que olho pra ela, me fazendo lembrar de muitos momentos importantes que minha avó esteve presente.”*, resposta que podemos relacionar da mesma maneira que a do nosso Entrevistado-1, tendo em vista que ambas são muito semelhantes, ressaltando a importância da presença de suas avós durante a infância e também a utilizando o símbolo como ponto de conexão com esta pessoa que já se fora.

Nosso Entrevistado - 3 retratou seu pai, por meio de seu estilo de vida: a motocicleta:

Figura 3 –Tatuagem Entrevistado-3.



Fonte: Do autor (2021)

O Entrevistado-3 respondeu que o impacto da tatuagem em sua relação com o pai é que ela “*traz boas lembranças*”, reforçando a relação entre as tatuagens de representação e a ativação das memórias. Segundo Halbwachs (2006), a nossa memória coletiva é impactada por terceiros, mesmo quando estamos sozinhos. Não se faz necessária a presença de outrem para nos impactar, tal fato se dá pela percepção que formamos sobre outros e o que absorvemos deles. Por este ponto de vista podemos observar que as tatuagens de homenagem podem cumprir este papel, sendo o ponto de evocação das emoções que estão diretamente ligadas a aqueles ali representados. Como constata o autor (2006), nunca estamos sozinhos, somos influenciados pelas memórias daqueles que nos impactam.

Em sequência, sua resposta para a última pergunta, sobre as lembranças que a tatuagem o desperta, foi: “*Liberdade, viagens, trechos percorridos.*”. Neste caso, trazendo uma ligação emocional muito forte relacionada aos momentos, tanto junto ao pai quanto relacionados à motocicleta, que é um gosto em comum entre os dois. Aqui, podemos perceber traços de nostalgia, relacionados aos momentos com o pai e com a moto, o que se representa na forma como o entrevistado homenageia seu familiar, diferente dos participantes anteriores

que retrataram de alguma maneira a forma física dos parentes, o Entrevistado-3 utiliza um símbolo que tem ligação com suas memórias relacionadas ao pai. De acordo com Niemeyer (2018), a nostalgia é um sentimento, uma saudade, de um tempo que nunca haveria ocorrido, nem sido vivido pelo indivíduo de fato, seria então uma mescla de suas memórias históricas com suas memórias criativas, que atribui um novo significado à lembrança formada em sua memória, idealiza situações e sentimentos perfeitos acerca das vivências relacionadas a aquele fato.

Em relação ao nosso Entrevistado-3, podemos avaliar certo grau de nostalgia em suas reconstatações, sendo esta não apenas uma visão totalmente fictícia dos fatos ocorridos, mas uma romantização que ressalta as qualidades daquele tempo vivido e nos traz um carinho especial por eles. O entrevistado provavelmente andou de moto com seu pai desde a infância, o que também fortalece seu laço com a atividade e o relaciona emocionalmente com a figura paterna.

Agora, vamos ao Entrevistado 4, que também representou o pai, e não diretamente, por outro motivo:

Figura 4 –Tatuagem Entrevistado-4.



O Entrevistado-4 relatou que fez uma homenagem ao seu pai por meio do desenho de uma pantera. Sobre o impacto que a tatuagem tem em sua relação com o familiar representado, a participante respondeu: *“o apelido dele era pantera, todos na cidade o conheciam assim. resolvi tatuar pra manter vivo isso e sempre lembrar dele quando olho para a tatuagem. Uma forma de ter ele comigo em todo lugar.”* . Como já vimos antes, um fator importante para as pessoas que tatuam um parente é ter algo em si que carregue a lembrança daquela pessoa, algo que possa ser acessado sempre, para relacioná-los com os homenageados.

A memória, como vemos em Baddeley (2015), é incrível, embora tenha suas falhas, sendo um mecanismo que necessita desses erros para que funcione em sua totalidade, o que faz com que a mesma seja incrivelmente rica e flexível, não funcionando como um depósito de dados como em um computador, porém com usabilidade totalmente amigável a nós usuários. Tendo ciência das possíveis falhas nas lembranças, cabe a nós buscar maneiras, externas ou internas, de preservar o que nos é importante, pois podemos dominar a utilização da memória mas não podemos escolher simplesmente o que se fixa e o que se perde.

Agora, em relação às lembranças que a tatuagem desperta, o Entrevistado-4 relata: *“sempre lembro de como somos parecidos em muitos aspectos.”*. Aqui, a memória evocada pela tatuagem tem ligação com a relação direta entre o Entrevistado-4 e o homenageado, fazendo-a de certa forma se sentir como uma perpetuação do que fora o pai. De acordo com Halbwachs (2006) a nossa memória coletiva é desenvolvida dentro dos grupos os quais pertencemos, e um dos núcleos mais fortes e de maior importância no desenvolvimento memorial é a família, o nosso primeiro círculo social, que começa a montar nosso quadro de referências.

Observando a resposta do Entrevistado-4, percebemos que provavelmente sua maior influência desde a infância tenha sido seu pai, e suas memórias são fortemente ligadas a essa relação. A relação com a perpetuação da imagem do pai se dá por força da lembrança que tem dele e de sua vontade de mantê-lo presente. Sua representação reforça os traços da personalidade do progenitor, por não evocar sua forma física, mas seu apelido, uma marca social explícita de quem foi o pai.

Por fim, nas análises individuais das entrevistas, vamos às respostas do nosso Entrevistado-5, que fez uma tatuagem para o primo, piloto de avião, que faleceu durante um acidente aéreo:

Figura 5 –Tatuagem Entrevistado-5.



Fonte: Do autor (2017)

Sobre a forma de representação do familiar, o entrevistado respondeu: “*Meu primo era como um irmão para mim, ele faleceu pilotando e pilotar era o que ele mais amava fazer. Eu soube que ele sempre quis tatuar um caça de guerra e foi o que tatuamos.*”. Neste caso, temos uma homenagem para alguém que faleceu jovem, em uma tragédia, fato que causa um impacto muito forte sobre seus relacionados, podemos perceber por sua resposta que a tatuagem é uma forma de tributo, realizando um desejo que o familiar tinha para si próprio.

Em resposta ao impacto que a tatuagem tem sobre a relação com o familiar, o Entrevistado-5 disse: “*Sinto que carrego um pedaço dele na minha pele, que está sempre comigo.*”. Assim, novamente temos uma vontade do indivíduo de, como vimos em Baddeley (2015), reforçar em sua memória a importância daquela pessoa e fazer perdurar sua memória relacionada a ela e também de perpetuar de alguma maneira seu legado, como parte importante de seu quadro de referências. Dessa maneira, conforme Halbwachs (2006), é formado constantemente por nossos diferentes círculos sociais e os indivíduos neles inseridos,

assim moldando parte de nossas personalidades, percepções e pensamentos, afirmando nossos vínculos com tais pessoas.

No quesito que analisa as lembranças que a tatuagem traz sobre o parente, o participante destaca: *“Da pessoa maravilhosa, sonhadora, batalhadora e de toda a luz que ele emitia.”*, constatação que eleva as qualidades do primo, que está marcado em sua lembrança com todos seus aspectos positivos exaltados, trazendo mais uma vez a relação da lembrança com a nostalgia. Segundo Huyssen (2014), esta tem como seu significado primário a relação com a irreversibilidade do tempo, algo que está no passado e deixa de ser acessível, assim o homenageado se consolidou na memória do participante, como a forma plena de suas qualidades, uma junção de tudo que bom que aquele ser já fora, e hoje, inacessível, está representado em sua pele e na memória da família.

Ao analisar cada um dos casos apresentados, podemos perceber muitos pontos em comum, tanto quanto as motivações como quanto aos sentimentos relacionados a essas tatuagens, em relação às demais entrevistas feitas, tivemos também o mesmo perfil de respostas, por exemplo:

“Ambas as tatuagens servem para me lembrar que memórias vivem muito mais do que carne e osso.”

“Memórias boas de tempos dos quais são impossíveis de retornar, porém que marcaram minha vida.”

“Faz com que eu me sinta próxima dele, mesmo ele não estando mais presente.”

“Essa tatuagem me faz lembrar dos momentos vividos com o meu pai, que já não está mais presente nesse plano, fazendo com que ele seja sempre lembrado.”

“Sinto que carrego minha avó comigo pra todos os lugares, não só na mente”

“Me traz lembranças da infância que vivi na casa dela apanhando goiaba no pé”

Fica bastante claro, ao avaliar nossa amostragem, que os sentimentos e motivações em relação às tatuagens de familiares, por mais que tenham suas particularidades, são muito parecidos, a principal motivação que aparece é a de manter a memória daquela pessoa afirmada, presente e sempre revisitada, para que não se perca a ideia de quem ela foi ou é. Como pudemos ver em Halbwachs (2006), as memórias são voláteis e precisam ser reafirmadas, para que se perpetuem conosco e o processo de representar um ente querido na própria pele funciona com um eterno lembrete para que o indivíduo possa acessar os sentimentos que tem por ele.

Em relação aos sentimentos despertados, podemos ver no geral que todos envolvem um fator afetivo muito grande, em grande parte relacionados à infância, principalmente quando tratamos de pais e avós, o entrevistados relatam que suas tatuagens os levam para as memórias boas, sentimentos de amor, afeto, e por fim, como vimos anteriormente, elas levam ao sentimento também de nostalgia. As tatuagens funcionam como as ruínas de Huyssen (2018) explicitamente representado o passado, porém de maneira que não se faz mais acessível, sendo então um vetor para a formação do sentimento de nostalgia.

6. Considerações Finais

Partindo da coleta de dados e da análise apresentada na pesquisa acima, é possível perceber fatores importantes que nos levam a elucidar a resposta para a pergunta problema que serve de fio condutor deste trabalho, sendo possível então afirmarmos que as tatuagens de familiares despertam diferentes emoções e memórias que relacionam os indivíduos àqueles cujo decidiram representar.

Através das entrevistas, concluímos que as pessoas utilizam as tatuagens de familiares para representar o significado e as marcas deixadas por aquela pessoa em seu desenvolvimento, como forma de manter uma relação mais próxima e acessível com estes sentimentos. As tatuagens são utilizadas como um símbolo da ligação entre pessoas há bastante tempo. DeMello (2007) conta que os marinheiros do século XIX faziam tatuagens para lembrar de seus entes queridos, já que ficavam no mar durante grandes períodos.

A pesquisa evidencia então que as tatuagens em questão são os vetores de acesso às memórias afetivas que os participantes têm com relação aos representados, uma vez que, em grande parte das respostas os participantes nos contaram que suas tatuagens tem a função de lembrá-los de algo, sejam momentos, experiências, ou até mesmo da relevância que a pessoa teve em suas vidas. De acordo com Halbwachs (2006) não nos lembramos da primeira infância por que ainda não nos tornamos seres sociais e não temos nenhuma base na qual ligar nossas memórias.

Evidenciamos com os resultados da análise de dados que os objetivos gerais e específicos propostos para este artigo foram alcançados. Foram definidos como objetivo geral, analisar de que forma a memória afetiva é ativada pela tatuagem de familiares, e objetivos específicos, avaliar a representação que a tatuagem tem para os entrevistados e averiguar os

fatores que levaram os entrevistados a tatuar um familiar. Pontos que podemos afirmar através da tabela a seguir:

Tabela-1 – Impacto das tatuagens e lembranças evocadas.

Familiar representado pela tatuagem:	Impacto da tatuagem na sua relação com o familiar:	Lembranças evocadas:
Avó	Uma forma de homenagem, sempre gosto de olhar e lembrar dela	Lembranças boas, infância, afeto e carinho
Irmão e a Avô	Ambas as tatuagens servem para me lembrar que memórias vivem muito mais do que carne e osso	Memórias boas de tempos dos quais são impossíveis de retornar porém que marcaram minha vida.
Avó	A tatuagem foi feita para lembrar como ela ajudou muito minha família, principalmente minha mãe, sempre fazendo o melhor pela gente, fui o neto mais novo e ela sempre perguntava coisas que estava precisando caso meu pai não estivesse com condições de me dar.	Me desperta um sentimento de saudade sempre que olho pra ela, me fazendo lembrar de muitos momentos importantes que minha vó esteve presente
Pais	Me deixa feliz, quando olho pra ela lembro da minha relação com meus pais	Lembranças de quando sai de casa
Pai	Traz boas lembranças	Liberdade, viagens, trechos percorridos
Pai	Faz com que eu me sinta próxima dele, mesmo ele não estando mais presente	Essa tatuagem me faz lembrar dos momentos vividos com o meu pai, que já não está mais presente nesse plano, fazendo com que ele seja sempre lembrado
Pai	o apelido dele era pantera, todos na cidade o conheciam assim. resolvi tatuar pra manter vivo isso e sempre lembrar dele quando olho para a tatuagem. Uma forma de ter ele comigo em todo lugar	sempre lembro de como somos parecidos em muitos aspectos
Mãe Avó e Tia	Me faz lembrar da importância dessas pessoas na minha vida, a gratidão e o amor que tenho por elas.	De muito amor
Avó	Sinto que carrego minha avó comigo pra todos os lugares, não	Me traz lembranças da infância que vivi na casa dela apanhando

	só na mente	goiaba no pé
Primo	Sinto que carrego um pedaço dele na minha pele, que está sempre comigo.	Da pessoa maravilhosa, sonhadora, batalhadora e de toda a luz que ele emitia

Fonte: Do autor (2021)

Entre os principais sentimentos evocados pelas tatuagens, temos o amor, a identificação, o afeto e a nostalgia. Na visão de Bressan Junior (2019), somos formados por sentimentos e o que nos auxilia nisso são as pessoas que nos rodeiam, o que nos confere a afirmar que as tatuagens de familiares despertam a memória afetiva por meio da ativação dos sentimentos que estão diretamente ligados e fixados em nós por aqueles que nos foram importantes na vida.

Desta forma, concluímos através deste artigo que utilizamos a retratação de familiares para manter contato com as memórias que temos deles, e todos os sentimentos provenientes delas. Nossas lembranças podem ter alterações e até mesmo se apagarem com o tempo, então utilizamos as tatuagens para nos aproximar das vivências que tivemos com estas pessoas.

Referências

BADDELEY, A.; EYSENCK, M. W.; ANDERSON, M. C. **Memory**. 2 ed. Londres: Psychology Press, 2015.

BRESSAN JUNIOR, Mario Abel. Televisão e espaço de revisitação: a formação de uma memória teleafetiva. **Intertexto**, Porto Alegre: n. 45, p. 204-226, maio/ago. 2019.

DEMELLO, Margo. **Encyclopedia of Body Adornment**. Connecticut: Greenwood Press, 2007.

GIBBENS, Sarah. **Descobertas as Primeiras Tatuagens em Múmias do Antigo Egito**. 2018. Disponível em: <<https://www.natgeo.pt/historia/2018/03/descobertas-primeiras-tatuagens-em-mumias-do-antigo-egito>>. Acesso em: 16 nov. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **Nostalgia da Ruína**. 2014. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/379344957/Huyssen-Nostalgia-Da-Ruina-Portugues>>. Acesso em: 20 out. 2021.

KEARNS, Angel. **Inked and Exiled: A History of Tattooing in Japan**. 2018. Disponível em: <<https://sites.wp.odu.edu/bodylore/2018/02/28/inked-and-exiled-a-history-of-tattooing-in-japan/>>. Acesso em: 14 nov. 2021.

LIMA, Rodrigo Muniz de Souza. **Tatuagem: história e contemporaneidade**. 93 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Desenho, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44715>>. Acesso em: 08 nov. 2021.

NIEMEYER, Katharina. **O Poder da Nostalgia: sobre o papel e o lugar da mídia e da comunicação (acadêmicos) em estudos sobre nostalgia**. In: SANTA CRUZ, Lucia; FERRAZ, Talitha (orgs.). **Nostalgias e Mídia: no caleidoscópio do tempo**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2018. p. 29-45.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: v. 10, p. 7-28, jul/dez. 1993.

TATTOO ARCHIVE. **Sailor Tattoos**. 2003. Disponível em: <https://www.tattooarchive.com/history/sailor_tattoos.php>. Acesso em: 10 nov. 2021.

TATTOO ARCHIVE. **Tattoo Machines**. 1998. Disponível em: <https://www.tattooarchive.com/history/tattoo_machine.php>. Acesso em 10 nov. 2021.

TEDESCO, João Carlos. **Nas Cercanias da Memória: temporalidades, experiência e narração**. 2 ed. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2014.

YOUNG, Peter T. **Norman Keith Collins**. 2019. Disponível em: <<https://imagesofoldhawaii.com/norman-keith-collins/>>. Acesso em: 16 nov. 2021.